

Fialho, critico de Eça de Queiroz

Fialho de Almeida, que escrevia sobre os seus contemporaneos ora satyras ora panegyricos, mas sempre duma forma emocional, levado por sentimentos de occasião que seriam contradictados por escriptos posteriores, — Fialho de Almeida consagrou trez grandes artigos a Eça de Queiroz, dois na vida do romancista e o terceiro no dia do funeral, além das referencias da *Vida Ironica*, e da biographia de Manuel quanto á *Correspondencia de Fradique Mendes*.

O mais antigo de todos sahiu no *Contemporaneo*, em epocha anterior á publicação dos *Maias*, e aprecia por conseguinte a personalidade litteraria de Queiroz atravez da phase romantica dos folhetins, da campanha alegre das *Farpas* e da primitiva redacção do *Crime na Revista Occidental*. E' este Eça de Queiroz que Fialho admira e elogia, começando por fazer-lhe o retrato physico, tarefa muito do seu gosto: «Olhem bem essa *masque* de face cavada e nariz astuto, com olhos de myope alternadamente coriscantes e dôces, bocca fina, que sob as azas do bigode, aos cantos se atormenta numa ironia que faz da sua conversa e da sua prosa um scintillar de espadas em duello.» Vem a seguir uma referencia ao monoculo, ás «sobrancelhas negras estranhamente arqueadas» e á voz grave que ora sahe em «morosidades morbidas, ora em catadupa febril».

O *Crime do Padre Amaro* é gabado ao longo de muitas linhas, desde a sua forma litteraria, que Fialho acha desleixada, mas pittoresca e musical, até aos dialogos e ás personagens, tidas estas por verdadeiras e surprehendidas no seu respectivo meio com um rigor de analysta. Classificado de obra prima, este trabalho de Queiroz é, para o futuro auctor dos *Gatos*, perfeito e completo no seu esqueleto de romance moderno e no seu involucro formal, tecido d'uma linguagem que o auctor «têve de

alargar» (outros diriam restringir) lançando mão de «certas combinações de palavras dissidentes, de desorganisar o molde convencionado da oração — com sujeito na frente, depois o verbo e por fim os complementos fechando o prestito, a tocarem marcha.» Insisto neste entusiasmo do jornalista pela lisura syntactica de Queiroz (que empregava uma construção da phrase adversa ao genio da nossa lingua) para que se veja como neste ponto — e aliás em todos os outros — o critico mudou de opinião e acabou por censurar no criticado o que elle anteriormente considerava uma virtude. Este artigo do *Contemporaneo* foi inserto no volume *Figuras de Destaque*, juntamente com o artigo celebre dado á estampa no dia do enterro de Queiroz.

Mas, para seguir a ordem chronologica, vejamos o que em 1888 escreveu Fialho ácerca dos *Maias*, nas columnas do *Reporter*, e que hoje se pode lêr nas *Pasquinadas*. A critica de Fialho de Almeida incide totalmente, como o titulo deixa suppôr, sobre o grande romance de Eça de Queiroz. Começa o auctor por declarar que os *Maias* «não accrescentam cousa alguma ao que já sabiamos dos processos do escriptor nem demarcam progresso na psychologia à la diable, que o romancista parece ter predilecção em cultivar.» Se bem que esse processo e essa psychologia hajam sido encarecidos anteriormente, Fialho de Almeida faz um varejo de zoilo áquella escripturação de novecentas paginas d'esse «trabalho torturante, desconnexo e difficil», definindo-o, com alguma razão, de «historieta magra e romanesca» e classificando de facecias as ironias inimitaveis do escriptor. Sem embargo da feroz escarpellisação a que submete o livro, resalva Fialho dois passos, que são a grande scena de amorem que se reconciliam Maria Eduarda e Carlos, e a entrevista d'este com o Castro Gomes. Queiroz reassume assim, no final do artigo, o papel de «phantasista prodigioso, que pelo poder da observação e pelo poder da ironia eguala Thackeray.» A este escriptor respondeu Eça de Queiroz, de Bristol, onde estava consul.

Em 1900, porém, Fialho estava já attingido de camillophilia. Na dedicatória dos *Contos* dirige-se a Castello Branco com esta ampla confissão — talvez um tanto exaggerada... : — *acabo de relêr toda a sua obra*; e segue-se uma vintena de linhas de caloroso entusiasmo pelo novellista romântico. Assim, a Eça de Queiroz, Fialho contrapunha já Camillo. Incensava um e começava a apear o outro. Foi nestas disposições que elle escreveu o artigo famoso do *Brasil-Portugal*, inserto alli no proprio dia em que chegava ao Tejo a carcaça do morto de Paris.

Para Fialho, a conformação plastica dos artistas desempenhava um papel de valor, a que as suas criticas attendiam em preliminar. E o Eça de Queiroz dos «olhos coriscantes e doces» e da «bocca fina», retratado primitivamente no *Contemporaneo*, volve-se mais tarde em «poste de ossos» com a «cara chupada, verde-terra, bigode sem força, temporas deprimidas, bocca murcha, sorriso negro... olhos de esclerotica enxundiacea, sem viço» e finalmente «elegancia de cabide». Traçado d'esta arte o retrato, com grande luxo de divagações medicas sobre a tuberculose hereditaria, começa Fialho de Almeida historiando a geração do Cenaculo e segue com Eça pelas vias amarguradas da sua existencia de funcionario publico: administrador de concelho e secretario geral na provincia, e depois vinte e sete annos de ausencia da patria, apenas interrompida de curtos meses de visita. E' ainda, neste artigo, o *Crime* o romance que o jornalista aprecia, como «obra integra» a que todavia falta «o realce duma intensa psychologia, dum estylo feito e duma linguagem *escrupulosamente castiça e portuguesa*».

Não é sem surpresa que lemos estas ultimas palavras. Decerto todos têm o direito de modificar, com o andar dos annos, as suas opiniões, principalmente as estheticas, de reforma-las ou abandona-las ou ainda de substitui-las por outras contrarias. Fialho, portanto, evoluciona. Antes, escrevendo pela primeira vez a respeito do artista do *Crime*, louvara o estylo e mui especialmente a fuga ás regras da boa construcção nacional. Reconsiderando, rendia-se agora (por influencia de Camillo?) aos esplendores stylisticos da vernacula linguagem.

Com sinceridade? É crível, mas tambem com aquella incoherencia do artista-creador que pretende ser simultaneamente um critico: Fialho de Almeida dizia estas cousas que vimos, numa lingua inçada — *Bom Deus!*... — de horripilantes gallicismos. Entretanto segue o seu artigo sobre a obra queirozina, annotada livro a livro, o *Primo Basilio* e os *Maías*, «galeria estranha de grotescos ligados por um fio de melodrama inverosimil». Não se detem na *Illustre Casa*, porque, a esta data, fôra publicada irregularmente na *Revista Moderna*, de Paris. O *Mandarim*, a *Reliquia* e a *Correspondencia* merecem-lhe designações taes como «molduras comicas» ou «humoradas faceis.» Feito o estudo dos livros — se assim se pode chamar ao seu ramalhete de impressões — volta a preoccupar-se com a questão do estylo. «A primeira coisa que salta — escreve elle — é a pobreza estructural do estylo, a miseria profunda do vocabulario repisado.» E por fim: «Dos trez ou quatro livros que deixa, nenhum

promette na memoria dos homens vida longa, que á uma é duvidoso o português em que estão escriptos, etc.»

Neste prognostico enganou-se redondamente o subjectivo auctor do *Paiz das Uvas*, cujos livros não teem a divulgação que os de Queiroz alcançaram, apesar do «português duvidoso» destes. Por onde se vê que Fialho, como critico de Eça de Queiroz, muito deixou a desejar, e manifestamente sacrificou ás suas antipathias pessoaes, de que são exemplos frisantes as suas satyras ao grupo dos *Vencidos da Vida*.

JOÃO CABRAL